

Ufes e o novo Governo

JOSÉ WEBER FREIRE MACEDO

O que as universidades públicas sofreram durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso é de amplo conhecimento. Falta de verbas e de investimentos, ausência de concursos, sucateamento, ações que provocaram o desestímulo completo entre professores e técnicos, entre outras mazelas. Algumas instituições não resistiram, e, no desespero, contraíram muitas dívidas. Outras, porém, entre elas a Ufes, conseguiram, mesmo com todas essas carências, manter o controle administrativo e até se sobressair durante aqueles anos de crise.

Finalmente chegou ao poder o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, prometendo mudanças e esperança. Vale observar que Lula sempre teve no ambiente crítico das universidades federais um importante espaço para expressar não só o seu repúdio à crise das instituições públicas de ensino; mas, sobretudo, para se posicionar contra a política neoliberal de FHC.

Durante todos aqueles anos, esse apoio recebido por Lula, no ambiente universitário foi manifestado por muitas ações justas; outras, contudo, radicais e intransigentes, se diversificaram entre publicações políticas, palestras, seminários, invasões de prédios públicos, manifestações de rua, fechamento de portões e, finalmente, muitas e longas greves, que até hoje afetam as universidades.

Hoje, uma enorme preocupação começa a surgir no meio acadêmico quanto às atitudes do atual Governo em relação às universidades públicas. Compromissos firmados por contratos, desde o ano passado, ainda não estão sendo honrados; não há perspectiva de concursos públicos; e já ficou evidente que não haverá reposição salarial para o funcionalismo público federal.

Uma parte do orçamento de 2002 ainda continua retida. Do orçamento financeiro de 2003 apenas um mês de custeio foi liberado. O mais grave, no entanto, é que

mesmo os recursos arrecadados pela própria instituição continuam a ser contingenciados, sendo controlados por Brasília na sua execução. Em outras palavras, não existe autonomia para as universidades.

No encaminhamento da reforma da Previdência, os formuladores políticos do atual Governo, até um passado recente, foram contra qualquer discussão de mudança previdenciária. Agora, são os que patrocinam uma campanha na qual os funcionários públicos são tratados como responsáveis por todo o descalabro das contas públicas. Não falam da dívida pública, de quanto ela representa no Orçamento Geral da União, mas tratam o FMI e os banqueiros como parceiros estratégicos.

Outro ponto altamente incômodo é que o Governo Lula, paradoxalmente, parece executar as mesmas ações do Governo FHC. Justifica-se alegando que são necessárias. Obviamente que essas ações são conflitantes com a prática anterior enquanto na oposição, deixando seus militantes - principalmente nas universidades - desorientados, perplexos e com um enorme dilema ético.

Tudo indica que a universidade pública tem diante de si uma certeza. Teremos nós - educadores, técnicos, estudantes e a sociedade - que encontrar um outro caminho pelo nosso próprio esforço. A defesa desse

patrimônio público deve ser redobrada, porque continua ameaçada.

A Ufes tem muitos problemas decorrentes da elevada dependência do poder central em Brasília. Mas também tem potencialidades, está saneada, tem equilíbrio administrativo, ótimos cursos, excelentes campi, os melhores alunos, os melhores professores, o melhor corpo técnico, e as melhores ações. Devemos concentrar forças em um projeto de verdadeira autonomia para as universidades federais.

**Em outras
palavras, não
existe
autonomia
para as
universidades**

JOSÉ WEBER FREIRE MACEDO é
reitor da Ufes